

PELOS SERTÕES DA ANTIGA PROVÍNCIA (*)

James Henderson

HENDERSON, James. *A history of the Brazil: comprising its geography, commerce, colonization, aboriginal inhabitants*. London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1821. Cap. 17: Province of Pernambuco, p. 361-380. Tradução de Lúcia Maria Coêlho de Oliveira Gaspar, Bibliotecária da Fundação Joaquim Nabuco.

(*) James Henderson, ao escrever sua *História do Brasil*, o fez antes de 1817, com base na *Corografia Brasileira*, do padre Ayres de Casal, editada naquele ano em Lisboa. Neste ano, por conta da Revolução Republicana de 1817, a Comarca das Alagoas foi separada do território pernambucano.

JAMES HENDERSON (1783-1848) — Viajante e diplomata inglês. Embarcou para o Rio de Janeiro com cartas de apresentação do Ministro Britânico Henry Chamberlaine, tentando obter um cargo na legação. Não conseguindo seu intento, entretanto, decidiu estudar o Brasil, escrevendo sobre o país o livro *A History of Brazil: comprising its geography, commerce, colonization, aboriginal inhabitants*, trabalho baseado na *Corografia Brasileira* do Padre Aires de Casal editada em 1817, como afirma ele próprio na introdução de sua obra, ampliada com observações pessoais colhidas nas suas viagens. O conhecimento adquirido sobre a América do Sul, fez com que o Governo Britânico o nomeasse Cônsul Geral em Bogotá. Esteve no Brasil de 1819 a 1821, principalmente no Rio de Janeiro e em Pernambuco. Permaneceu em Bogotá até 1836, sendo posteriormente transferido para Madri, onde morreu em 18 de setembro de 1848. Deixou vários livros sobre a América do Sul.

Esta província de Pernambuco, que antigamente tinha o título de condado, limita-se ao norte pelas províncias da Paraíba, Ceará e Piauí, ao sul pelo rio São Francisco que a separa de Sergipe e Bahia e pelo Carinhenra que a divide da de Minas Gerais, ao oeste pela província de Goiás e ao leste pelo oceano, com setenta léguas de costa do rio São Francisco ao rio Goiana.

O rio Pajeú, que nasce na serra dos Cariris e desemboca no São Francisco, trinta léguas acima da cachoeira de Paulo Afonso, a divide em duas partes — oriental e ocidental, esta última forma uma ouvidoria que compreende uma grande parte do lado oriental, cujo litoral é dividido em três comarcas: Norte ou Olinda, Central ou Recife, Sul ou Alagoas, cujos limites comuns estão nas proximidades do rio Una, que deságua no mar quarenta milhas ao sul do Cabo de Santo Agostinho.

Esta província está situada entre 7 e 15 graus de latitude sul, tendo um clima cálido e ar puro. As terras em toda a extensão do litoral são baixas, com grandes partes de solo fértil e embora existindo muitos rios perenes e caudalosos, seus habitantes ainda sofrem em vários lugares com a falta de água. No interior da província, a superfície do terreno é muito desigual, sendo montanhosa em alguns trechos e muito deficiente em água; a que se encontra, além de escassa, nunca é pura, sendo da cor de leite, vinda de poços onde todo tipo de animal vai beber ou ainda de cacimbas escavadas na areia. Da vila de Penedo à barra do Rio Grande, que os viajantes pelo traçado do rio computam em quinhentas milhas¹, não existe um único riacho correndo para o rio São Francisco na estação seca.

MONTANHAS — A serra da Borborema que é a mais majestosa do Brasil, começa perto do mar, na província do Rio Grande e depois de ter atravessado a da Paraíba de nordeste a sudeste, segue para o oeste, separando a parte ocidental de Pernambuco da precedente e do Ceará, por considerável espaço. Depois inclina-se para o norte, dividindo a última da província do Piauí, variando freqüentemente em altitude e nome até o seu final, onde é chamada de Ibiapaba, à vista da praia entre os rios Camucim e Paranaíba. Em alguns trechos ela é rochosa, em

outros escavada e estéril, porém na sua maioria é coberta por belas matas, nutridas por solos fortes e férteis. Em alguns lugares possui duas ou três léguas de luxuriante pastagem no cimo.

Da serra do Araripe que é parte da Borborema, avista-se o rio São Francisco, à uma distância de mais de trinta léguas. Nessa serra têm origem os rios Jaguaribe e Piranhas que correm para o norte. É também o berço dos rios Paraíba e Capibaribe, que correm em direção ao leste, assim como o Moxotó e Pajeú, que correm para o sul.

Cerca de sete léguas da cachoeira de Paulo Afonso, na freguesia de Tacaratu, encontra-se a serra de Água Branca, com suas numerosas ramificações, em grande parte coberta por vegetação selvagem e luxuriante. Ali encontra-se a Capela de Nossa Senhora da Conceição e muitas famílias de diferentes cores, tanto ou mais bárbaras do que os antigos donos do país. Nas vizinhanças do rio Pajeú, cerca de quinze léguas da sua foz, encontra-se a Serra Negra, com aproximadamente uma légua de comprimento e largura proporcional, coberta de matas densas que são freqüentemente agitadas por ventos fortes. Próximo a ela localiza-se o sítio do Jacaré, onde viveram por algum tempo os índios Chocós, mas desde que foram subjugados como os seus vizinhos, há pouca menção sobre eles.

A curta distância da nascente do rio Una, encontra-se a serra Garanhuns. É coberta de matas, onde foram feitas plantações de algodão, milho, mandioca, legumes e frutas. Dessa serra descem vários córregos de água cristalina que somem nas planícies arenosas que a rodeiam. Entre outras plantas úteis, pode ser encontrada a *terminalia* ou *styrax* de Linnaeus, que produz uma resina vegetal chamada benjoim.

A serra das Russas, com duas léguas de comprimento e pouca largura, está situada cerca de dezesseis léguas do Recife, na estrada que leva ao sertão do São Francisco.

A serra Selada, situada a quatro léguas a sudoeste do Cabo de Santo Agostinho e um pouco mais de duas do mar, apesar da pequena altitude é o melhor marco para os navegantes dessas latitudes.

Quatro léguas ao noroeste de Canindé, uma insignificante e mal situada aldeia na margem esquerda do rio São Francisco, encontra-se a serra Olho d'Água, com uma circunferência de duas léguas e uma altura considerável. De seus cumes descobre-se uma vasta cadeia de montanhas menores para todos os lados e a uma distância de aproximadamente seis léguas para oeste-noroeste, vê-se a coluna de evaporação da Cachoeira de Paulo Afonso, semelhante à fumaça de um incêndio. Antigamente essa serra era cheia de tigres (sic), por causa da quantidade de cavernas

de pedras e penhascos que a compõem. Mesmo hoje, elas servem de abrigos para uma temível espécie de morcegos, que são muito destrutivos para o gado.

A serra da Priaca está situada cerca de oito léguas ao nordeste da vila de Penedo. A do Pão de Açúcar é vista dessa última e fica perto do rio São Francisco. Ao sul da serra do Pão de Açúcar, existe um lago, onde foram encontrados enormes ossadas e ao norte a mais extraordinária das cavernas.

A serra do Poço, situada a quinze léguas dessa última, em direção ao interior da província, é coberta de matas, onde existem árvores com madeira de excelente qualidade, algumas cujos troncos exsudam preciosas resinas, óleo ou substâncias balsâmicas, enquanto outras com cavidades nos troncos, servem de colméias para várias espécies de abelha.

Comenaty é uma das maiores serras do interior. Possui abundantes matas em algumas partes, onde os índios e outros habitantes da freguesia de Águas Belas introduziram grandes plantações de algodão e mandioca.

A serra da Barriga, com cerca de quatro léguas de distância da vila de Anadia e vinte do mar, está sujeita a grandes trovoadas. Os ocasionais e altos ruídos nas suas cavernas, assustam as pessoas das circunvizinhanças e indicam a existência de minerais. Na sua borda extrema encontrava-se o fatal bando de africanos, chamado Quilombo dos Palmares, formado por trezentos e quarenta negros da Guiné, por ocasião do desembarque dos holandeses em Pernambuco. Eles foram se agregando com outros das províncias vizinhas e fundaram uma povoação que tomou o nome de Palmares por causa do grande número de palmeiras que os negros haviam plantado ao redor dela. O povoado, com mais de uma légua de extensão, consistia numa praça cercada por duas ordens ou fileiras de muros de paliçadas, construídas com grandes e altos troncos da mais forte e durável madeira conhecida na região. Em distâncias iguais, havia três portas fortes, cada uma com uma plataforma em cima e guardada por duzentos homens em tempo de guerra, todo flanqueado por várias amuradas da mesma madeira dos muros. Sua população chegava a vinte mil pessoas, metade das quais capazes de pegar em armas. Estabeleceram uma forma eletiva e monárquica de governo. O chefe era chamado Zumbi, e tinha sua residência diferenciada das casas dos seus vassallos, que eram construídas de acordo com o modelo africano. O mais valoroso e sábio era sempre o escolhido para esse importante cargo. Além do chefe, havia os subalternos, responsáveis pela administração da justiça, que era prontamente executada no caso de adúlteros, homicidas e ladrões.

Os escravos que chegavam voluntariamente e se juntavam a eles tinham sua liberdade imediatamente garantida, mas aqueles levados à força, permaneciam cativos. Os primeiros estavam sujeitos à pena de morte se fugissem e fossem apanhados, uma punição que os desertores do último grupo não recebiam. Independentemente de se cobrirem levemente, todos andavam nus, exceto os superiores, que usavam roupas vendidas pelos povos vizinhos ao Quilombo, junto com armas e munição em troca de provisões. Aqueles que eram apenas batizados recebiam o nome de cristãos.

Dentro da praça, existia uma grande bacia ou tanque de água doce, com bastante peixes e uma pedra alta que servia de torre de vigia, da qual eles avistavam a região ao redor por uma grande extensão e poderiam observar a aproximação do inimigo. Os subúrbios eram cheios de plantações de víveres, para cuja proteção existiam várias cabanas chamadas mocambos, governadas por soldados veteranos.

É extraordinário que essa colônia tenha causado tanta ansiedade para a Coroa, por um período de sessenta anos e tenha dado tanto trabalho para a armada de oito mil homens por muitos anos, até sua extinção em 1697.

MINERALOGIA — Ouro, amianto, pedra de filtrar água, pedra calcária, rebolo, *Terra de cores*, um tipo de barro figurativo, duas ou três espécies de mármore rústico e argila para cerâmica.

ZOOLOGIA — Todos os animais domésticos da Espanha são criados aqui. Cabras e ovelhas são menos rentáveis do que no seu país de origem. As matas são povoadas com espécies de animais selvagens descritos nas províncias anteriores, exceto o cachorro selvagem, no lugar do qual há o furão. O porco-espinho tem o nome de *quandu*. A *guariba*, espécie de macaco geralmente de cor vermelha, do rio São Francisco para o sul, e preto nesta província, sendo sua pele por isso mais valiosa. O *Tatu-bola* ou tatu e a tartaruga terrestre são numerosos, assim como o *mocó*, que vive nas pedras e terreno pedregosos. Coelhos são muito raros. Nas campinas encontram-se a ema e a siriema. Nas lagoas, *colhereira*, *jaburu*, ganso, garça cinza e branca, pato selvagem, *socó*, *maçarico*, galinha d'água. Nas matas e planície encontram-se o *jacu*, *mutum*, *zabelê*, *enapupê*, *racuan*, *arara*, papagaio, a *uru*, uma espécie de perdiz pequena, que anda sempre em bandos e no chão. O pássaro aqui chamado *rouxinol* é muito diferente quanto ao canto e a plumagem do que se encontra na Europa. A *araponga* emite seu canto simples e suave do topo das árvores mais altas. O pombo de asa branca, que sempre evita outros pássaros como algumas espécies do seu gênero. Vários tipos de milhafres e gaviões fazem guerra com outros pássaros. O

jacurutu, que é de grande tamanho, possui dois grandes chifres de penas e mata as cobras maiores com cautela e habilidade, para evitar ser picado por elas. Em quase todos os rios existem lontras e nenhuma lagoa deixa de ter jacaré.

FITOLOGIA — O cedro, pau-d'arco, *vinhático* de várias cores, o amarelo e o escuro são os mais apreciados; o *conduru*, que é vermelho; *barabu*, macho e fêmea mais ou menos de cor violeta ou roxa; *pau santo*, ondeado em violeta. *Sucupira* e *baraúna*, ambas de cor enegrecida. A sapucaia que fornece bons mastros de pequeno tamanho, cuja casca é usada como estopa pelos calafates. O *camaçari* vermelho, *pau-d'alho*, *maçaranduba*, *angico*, *coração de negro*, cujo âmago ou coração é negro e rijo. Existem muitas outras madeiras para construção de boa qualidade. O pau-brasil vem de trinta léguas do interior da região; aqui há também a cassia, a *caraíba*, cuja flor é amarela e um tanto grande, constituindo-se como um delicioso alimento para o veado. Este animal geralmente procura o alimento embaixo da árvore, tornando-se por isso, uma presa fácil para os caçadores. Entre as árvores e arbustos frutíferos das matas, encontram-se o *umbuzeiro*, o *cajueiro*, o *araçazeiro*, a *jabuticabeira*, o *mandupussá*, cujo fruto é amarelo e cresce no tronco, como a anterior, o *murici*, o *cambuí*, uma árvore grande cujo fruto é do tamanho da ginja, vermelha ou roxa, o *piqui* que dá um fruto de cujo caroço é extraído uma espécie de sebo duro usado para fazer velas de imitação², a *issicariba*, que produz a almécega, ipecacunha e algumas espécies de *quina* inferior ou quina dos jesuítas, a qual eles deram seu nome. A autêntica pode ser encontrada na serra dos Cariris. A *maçanzeira* é comum em alguns distritos desta província, onde é impropriamente chamada de *murta*.

A comarca de Alagoas produz com abundância a melhor madeira para construção da província; ali se fabricam as canoas que navegam no rio São Francisco. Os coqueiros crescem abundantemente nas proximidades do mar. A *mamoneira* é cuidadosamente cultivada em alguns distritos, sendo o seu azeite um artigo de exportação. A *opuncia* ou *palmatória* é muito comum aqui e a cochonilha pode ser cultivada com proveito. O algodoeiro e a cana-de-açúcar são os principais ramos da agricultura e suas produções as mais lucrativas. O desejo generalizado de ganho, causado por esses dois produtos, impede insensatamente o cultivo de gêneros de primeira necessidade em quantidade suficiente para a subsistência da população. A farinha de mandioca é geralmente escassa e cara, cultivada em trechos de terras nas vizinhanças do mar (únicas férteis) que foram distribuídas em porções tão liberais que se encontram atualmente, sob o domínio de poucas pessoas, calculando-se que para cada duzentas famílias, há apenas oito ou dez proprietários ou *senhores de en-*

genho, os quais só permitem aos rendeiros o plantio da cana. A *jangada*, uma árvore peculiar e uma das mais úteis da província, possui um tronco normalmente reto e raramente conseguindo uma espessura que um homem não possa abarcar com seus braços, é extremamente porosa e leve. Seus troncos amarrados como já descrito, constituem a única pequena embarcação da região; os pescadores vão nela para o mar até perder-se de vista e viajantes transportam-se com suas mobílias de um porto a outro. É necessário arrastá-la para a praia no final de cada viagem, para que sua madeira seque e não apodreça rapidamente. As árvores que produzem o óleo de *cupaíba* são encontradas em todas as matas, assim como as que produzem a resina copal, o benjoim e o estoraque. Esta última é aqui denominada árvore de bálsamo; e o mel que as abelhas fabricam do néctar de suas flores tem cheiro de canela. Entre outras árvores exóticas que se poderia adaptar ao nosso clima está o precioso *sândalo* que, se afirma, multiplicar-se-ia tão bem quanto na ilha do Timor e poderia economizar ao Estado anualmente muitas arrobas de ouro gastas para trazê-lo da Índia.

O povo do Sertão apanha grande quantidade de rola e pombos trocazes com a *maniçoba-braba*, uma infusão que é colocada em vasos meio enterrados na areia, nos lugares onde ainda permanece um pouco de água depois que os riachos secam, e para onde esses pássaros são atraídos para beber água. Quando tomam a infusão, se não vomitam de imediato, não podem mais voar, logo começando a tremer e morrem em poucos minutos.

RIOS — Os mais consideráveis encontram-se na parte oeste da província, mas falaremos sobre eles após termos terminado a descrição do rio São Francisco, no qual deságuam.

Os principais da parte leste da província são o Capibaribe, o Ipojuca, o Una, o Tracunhaém ou Goiana e o Sirinhaém.

O Capibaribe ou rio das capivaras*, nasce no distrito de Cariris Velhos, cerca de cinquenta léguas de distância do mar. Sua nascente é salobra, o leito muito pedregoso, com muitas cachoeiras e navegável somente por cerca de oito milhas. Deságua por duas bocas, uma dentro do Recife e outra perto de quatro milhas ao sul do arraial de Afogados, onde existe uma ponte de madeira com duzentos e sessenta passos de comprimento. Tapacurá e Goitá são seus principais afluentes, ambos juntando-se a ele pela margem direita, com um intervalo de quatro ou cinco milhas. O último nasce em uma lagoa denominada Lagoa Grande.

(*) A capivara, o animal do qual o rio toma o nome, está hoje no Exeter Change. (3)

O Ipojuca tem origem em Cariris Velhos, próximo do Capibaribe e corre através de terras apropriadas para a cultura do algodão e cana-de-açúcar, cuja produção tem sido extremamente lucrativa para os agricultores. Desemboca entre o Cabo de Santo Agostinho e a Ilha de Santo Aleixo, formando um porto para pequenas embarcações pelas quais é freqüentado.

O Sirinhaém, que é de tamanho considerável e muito útil para os agricultores, deságua quase em frente da ilha de Santo Aleixo. Um dos seus maiores afluentes é o Siribó que o encontra na margem esquerda não muito longe do mar.

O Una vem do distrito de Garanhuns com um curso de, aproximadamente, quarenta léguas e nas vizinhanças do oceano, recebe pela direita o Jacuípe, que é menor e corre para o mar, através de grandes matas. Ambos são usados para o transporte de madeira, que é levada do porto até sua embocadura, cerca de sete léguas ao sudoeste da ilha de Santo Aleixo.

O Goiana, que é bonito e grande, corre para o mar nove milhas ao norte de Itamaracá, entre Pontas de Pedra e Ponta dos Coqueiros. Toma esse nome na confluência do Tracunhaém, cujo curso é considerável, com o Capibaribe-Mirim, muito menor, cerca de três léguas do mar, onde chegam sumacas e pequenas embarcações. A água do primeiro só é boa na nascente.

Os outros rios da costa são o Cururipe, que desemboca vinte e oito milhas a nordeste do São Francisco; o São Miguel vinte e cinco milhas adiante; o Alagoas, assim chamado por ser a desembocadura de duas grandes lagoas; o Santo Antônio Mirim; o Santo Antônio Grande; o Camaragibe; o Manguape; o Rio Grande; o Formoso; o Maracaípe, que corre para o mar entre o Sirinhaém e o Ipojuca; o Jaboatão que recebe junto à praia pela direita o Pirapama, sendo sua foz comum chamada Barra de Jangada, situada a duas léguas ao norte do Cabo de Santo Agostinho; o Igarassu, que desemboca com grande largura cinco ou seis léguas ao norte de Olinda e é formado por vários rios pequenos, que se unem cerca de sete milhas do oceano. Todos esses rios permitem a entrada de barcos e pequenos navios. O Moxotó, após um curso considerável, deságua oito milhas acima da cachoeira de Paulo Afonso. Só é corrente durante a estação chuvosa. O delicado *mandim* que sobe por ele quando cheio, assim que o rio para de correr e a água começa a aquecer nos poços, definha e morre em pouco tempo. O Pajeú corre apenas enquanto duram as trovoadas.

PROMONTÓRIOS — Cabo de Santo Agostinho, o único da costa, é o mais famoso do Novo Mundo, e a terra mais oriental da América do Sul, na latitude 8.20'. Aqui encontra-se um hospício religioso dos Carmelitas Calçados, dedicado à Nossa Senhora de Nazaré, ao qual muitos capitães antigamente reve-

renciavam com uma saudação ao passar. Há dois fortes, cada um defendendo um pequeno porto onde embarcações de pequeno porte podem ancorar.

ILHAS — Itamacará, por bastante tempo chamada Cosmos, tem três léguas de comprimento de norte a sul e uma légua na sua parte mais larga. É montanhosa e inabitada. Sua principal localidade é a freguesia de Nossa Senhora da Conceição, situada no lado sul, cerca de meia légua acima da foz do Igua-rassu. Esta era antigamente uma vila, prerrogativa que foi transferida para Goiânia, cujo senado vai anualmente assistir às festividades da sua padroeira. As mangas e uvas dessa ilha são altamente elogiadas. Há também excelentes salinas. O canal que a separa do continente é estreito e profundo. Na entrada norte, chamada Catuama, existe amplo ancoradouro para navios, em frente à foz do rio Massaranduba.

A ilha de Santo Aleixo, que tem cerca de quatro milhas de circunferência, com pedaços de terra apropriados para a produção de víveres necessários para a sobrevivência, fica cinco léguas ao sudoeste do Cabo de Santo Agostinho e a uma milha de distância do continente.

PORTOS — Nenhuma outra província tem tão grande números de portos, ainda que a maioria deles só tenha capacidade para receber sumacas e pequenas embarcações. Os principais são o já mencionado Catuama; o do Recife que será descrito juntamente com a cidade do mesmo nome e o de Tamandaré, que é o melhor de todos, em forma de baía, dentro do rio do mesmo nome. É defendido com muita segurança, por um grande forte, capaz de receber uma esquadra, tendo quatro ou cinco braços de profundidade na entrada e seis dentro. Situa-se a dez léguas ao sudoeste do Cabo de Santo Agostinho.

Jaraguá e Pajuçara são separados por uma ponta que dá nome ao primeiro, onde embarcações ancoram no verão. O último só pode ser usado no inverno. Eles situam-se duas léguas ao Nordeste do rio Alagoas e neles as pessoas desembarcaram para ir à vila do mesmo nome, porque o rio que antigamente permitia a passagem de sumacas, atualmente não permite sequer a de canoas. É necessário por isso, andar uma légua por terra e tornar a embarcar na lagoa. Cururipe é uma bonita baía, capaz de receber grandes navios. É abrigada por um recife que quebra a fúria do mar. Existem duas entradas, uma no sul outra no norte, mas a ancoragem geralmente não é boa. A baía recebe o rio do qual deriva o seu nome. É um profundo e quieto rio de água escura e navegado algumas léguas por canoas. Sua menor profundidade é na foz. Suas margens são cobertas por mangues, bambuzais e arvoredos.

LAGOAS — As mais importantes lagoas são a de Jiquibá, com cinco léguas de comprimento e uma de largura, salobra, piscosa e desaguando doze léguas ao nordeste de Cururipe; a de Manguaba, com dez léguas de comprimento e uma légua na sua parte mais larga, salgada e abundante em peixe. É dividida por um estreito, em duas partes, uma chamada Lagoa do Norte e a outra Lagoa do Sul, que é a maior. Seu canal de descarga é no já mencionado rio Alagoas com cerca de um tiro de canhão de largura. Vários pequenos rios deságuam aqui. Suas margens são cultivadas em algumas partes e cobertas de mangues em outras. Na sua vizinhança existem vários engenhos de açúcar, cuja produção é transportada junto com algodão e outras mercadorias para a parte norte da lagoa em grandes canoas, de onde são levadas de carroça por cerca de três milhas até os portos de Jaraguá e Pajuçara, quando as sumacas são carregadas, indo para o Recife ou a Bahia.

São as seguintes as vilas das três comarcas nas quais esta província é dividida:

COMARCAS	VILAS
OLINDA	Olinda* Goiana Igarassu Pau d'Alho Limoeiro
RECIFE	Recife Sirinhaém Santo Antônio Santo Antão
ALAGOAS	Porto Calvo Alagoas Atalaia Anadia Maceió Porto de Pedras Poxim Penedo

(*) *Olinda, embora sede da comarca é considerada junto com o Recife, como sendo formadora da cidade de Pernambuco, ambas serão descritas oportunamente.*

Goiana, situada em um baixio entre os rios Capibaribe-Mirim ao norte e o Tracunhaém ao sul, a pouco mais de uma légua acima de sua confluência, é grande, populosa, uma vila florescente e bem abastecida de carne, peixe e frutas. Possui uma igreja dedicada a Nossa Senhora do Rosário, uma ermida com a mesma invocação, além das igrejas do Amparo, Misericórdia, um convento dos Carmelitas Calçados, um recolhimento de mulheres, duas pontes, um Juiz de Fora e um régio professor de latim. Há uma feira de gado às quintas-feiras. Exporta uma grande quantidade de algodão, principal produção dos agricultores do seu extenso distrito, onde existem mais de vinte ermidas, quase todas com capelas. Está situada a sessenta milhas ao noroeste de Olinda e a quinze do mar. Em 1810 havia quatro mil e quatrocentos habitantes, incluindo seu distrito, porém hoje, a vila tem perto de cinco mil.

Sete milhas ao sul da foz do rio Goiana e próximo da praia encontra-se a freguesia de São Lourenço de Tejucupapo, que está crescendo. Trinta e cinco milhas a oeste de Goiana situa-se a freguesia de Santo Antônio de Tracunhaém, perto do rio do mesmo nome. Seus habitantes cultivam o algodão.

Igarassu é uma vila considerável e a mais antiga da província. É honrada com o título de leal e tem uma igreja dedicada aos santos companheiros Cosme e Damião, uma casa de misericórdia, um convento de Franciscanos, um recolhimento de mulheres, quatro ermidas e é bem abastecida de peixe, carne e frutas. Fica a cinco ou seis léguas ao norte de Olinda e a duas do mar, na margem direita do rio que lhe dá o nome. o qual é formado pelos pequenos rios Utinga, Pitanga e Taipé, que se unem acima. Existe uma ponte sobre ele e as canoas chegam aqui com a maré, ficando as sumacas duas milhas abaixo. Açúcar e algodão são mercadorias de exportação.

Duas léguas ao norte de Igarassu na estrada de Goiana, encontra-se a considerável aldeia de Pasmado, habitada por brancos, em sua grande parte serralheiros.

Pau d'Alho, situada na margem direita do Capibaribe e a trinta e cinco milhas da capital, foi elevada à categoria de vila em 1812, tem uma igreja dedicada ao Espírito Santo, uma ermida de Nossa Senhora do Rosário e mercado os oito dias da semana

Limoeiro, elevada a vila em 1812, fica na margem do Capibaribe cerca de trinta milhas acima de Pau d'Alho e tem uma igreja dedicada à Nossa Senhora da Expectação e um mercado toda semana. O algodão constitui a riqueza dos seus habitantes. Enquanto estive em Pernambuco um cavaleiro inglês veio para esta vila com o objetivo de montar uma máquina de descarregar algodão e segundo entendi, estava tendo muito sucesso.

Sirinhaém, fundada em 1627 com o nome de Vila Formosa, situada num alto, na margem e sete milhas acima da foz do rio que lhe empresta o nome, é pequena e tem uma igreja dedicada à Nossa Senhora da Conceição, duas ermidas e um convento de Franciscanos. Seus arredores são notáveis pela fertilidade, abundância de água e magníficas plantações de cana-de-açúcar.

Santo Antônio, assim chamada por causa do padroeiro de sua igreja, fica a nove milhas a noroeste do Cabo de Santo Agostinho, próximo à margem do Pirapama e possui duas ermidas, a de São Braz e a de Nossa Senhora do Rosário. Foi elevada à vila em 1812.

Santo Antão, situada perto do pequeno rio Tapacurá e elevada à vila em 1812, tem uma igreja dedicada a esse santo e duas capelas, a do Rosário e a do Livramento e um mercado toda semana. É grande produtora de algodão.

Entre outras localidades e freguesias de considerável importância na Comarca, deve-se salientar a de Ipojuca, na margem do rio do qual deriva seu nome, situada a duas léguas de distância do mar, com a igreja de São Miguel e um convento de Franciscanos.

Muribeca, com a igreja de Nossa Senhora do Rosário, uma ermida com essa mesma invocação e uma outra, a do Livramento, fica situada entre o Recife e o Cabo de Santo Agostinho cerca de três milhas do mar. O açúcar é produzido em ambas as localidades.

Porto Calvo, uma vila média com algum comércio e uma igreja dedicada a Nossa Senhora da Apresentação, situa-se na margem do rio do mesmo nome a vinte milhas do mar. Bom Sucesso foi seu primeiro nome; antigamente as sumacas chegavam à sua enseada com a maré. É o local de nascimento do mulato Calabar, que passando para o lado dos holandeses em 1632, foi para eles uma grande aquisição e para os pernambucanos um grande prejuízo, até ser devolvido a esses últimos, como um prêmio por seus serviços, para poder receber o castigo merecido por sua traição. Na tomada dessa vila perdeu a vida um sobrinho do general holandês, o Conde de Nassau, e o célebre preto Henrique Dias perdeu parte de um braço. Esse último, posteriormente, distinguiu-se na batalha dos Montes Guararapes.

Alagoas, assim chamada por estar situada na parte sul da lagoa Manguiaba, criada com o nome de Madalena, é considerável, cabeça da comarca do seu nome e a residência usual do ouvidor, que é também o inspetor das madeiras da Marinha Real. Possui uma igreja dedicada à Nossa Senhora da Conceição, um convento de Franciscanos, outro de Carmelitas Calçados, duas ordens de mulheres devotas, três capelas com as invocações de Amparo, Rosário e Bom Fim e um régio professor de latim. É sempre

abastecida de peixe e possui abundantes jaqueiras e laranjeiras. No início do século passado, eram exportados do distrito dessa vila, dois mil e quinhentos rolos de tabaco, de oito arrobas cada um, de tão boa qualidade que era comprado cerca de cinquenta por cento mais caro que o da Bahia. O açúcar é hoje a riqueza de seus habitantes. Recentemente foi criada uma alfândega na sua jurisdição, em consequência do grande crescimento do comércio na comarca.

Atalaia, a seis léguas da precedente, três por água e o resto por terra, fica numa região fértil e saudável, com excelente água e uma igreja dedicada a Nossa Senhora das Brotas. Nos seus arredores existe bastante ipecacunha e o algodão é cultivado juntamente com os víveres comuns ao país. O número de seus habitantes, incluindo o do seu distrito, chega perto de dois mil, alguns deles são *caboclos**, brancos e com feições mais regulares do que qualquer outra tribo de índios conhecida.

Anadia, uma vila média, com uma igreja dedicada a Nossa Senhora da Piedade, situa-se a quatorze léguas de Alagoas. Seus habitantes são índios, europeus, brancos do país e mestiços, cerca de mil, incluindo os do distrito, quase todos agricultores ou compradores de algodão, seu principal produto. A mesma lei de 15 de dezembro de 1815, que deu à vila de Penedo um Juiz de Fora, criou as vilas de Maceió e Porto de Pedras.

Maceió é um desmembramento de Alagoas, com um distrito de mais de sete léguas de costa, desde o rio Alagoas até o de Santo Antônio Grande. Nessa região os seguintes rios correm para o mar: o Doce, que é curto e nasce numa pequena lagoa; o Paratiji, o Santo Antônio Mirim e o Paripueira que recebe o Cabuçu, pela direita perto de sua foz. Maceió está se tornando um lugar com algum comércio e será o empório dos negócios da comarca de Alagoas. Já existe aqui um estabelecimento inglês e o embarque de mercadorias é feito direto daqui para a Grã-Bretanha. Um europeu que se estabelece em qualquer das vilas do Brasil e localidades semelhantes, priva-se de todas as comodidades comuns a uma sociedade bem organizada.

Porto de Pedras é um desmembramento de Porto Calvo, e seu distrito compreende cerca de nove léguas de costa, ocupando a área do mencionado rio Santo Antônio Grande até o Manguape. O Cumuriji e o Tatuamuí são os principais rios que desembocam nas suas praias. Essas duas últimas vilas têm cada uma dois juizes ordinários e um de órfãos, três *vereadores*, um procurador da Câmara, um tesoureiro, dois almotacés, um alcaide com um

(*) Um termo brasileiro para índios.

escrivão do seu cargo, dois escrivãos públicos, judicial e notarial, o primeiro dos quais exerce esse ofício na Câmara, na alfândega e é almotacé; o segundo pertence ao ofício de escrivão dos órfãos.

Poxim, uma pequena vila na margem do rio do mesmo nome, que deságua no mar três léguas ao nordeste de Cururipe, tem uma grande ponte e uma igreja dedicada a Nossa Senhora da Madre de Deus. Fica a duas milhas do oceano, é bem abastecida de peixe e tem no seu distrito a nova e ainda pequena aldeia de Nossa Senhora da Conceição, assim chamada por causa da padroeira de sua capela e onde nos dias de festa são reunidas seiscentas famílias que se espalham pelas suas vizinhanças. Está situada próximo ao rio Cururipe, a quatro milhas do mar. O seu bom porto, onde no momento só se carrega alguma madeira e óleo de mamona e a fertilidade do seu território, contribuirão para torná-lo uma localidade importante no futuro.

A terra nas proximidades da praia é arenosa e apropriada para o cajueiro, que em pouco tempo cresce bastante e seu fruto poderá propiciar o desenvolvimento de um novo ramo de comércio.

Penedo, uma vila considerável, populosa e comercial, está situada parte em um local plano ao longo da margem do rio São Francisco que ocasionalmente sofre com suas inundações, e parte no alto de uma colina que se constitui a primeira elevação de terra encontrada na margem subindo esse rio. Além da igreja dedicada a Nossa Senhora do Rosário há uma ermida da mesma invocação, uma outra dedicada a Nossa Senhora da Corrente, outras de São Gonçalo do Amarante, São Gonçalo Garcia e um convento de Franciscanos, cujo terreno não sendo o mais apropriado para esse fim, ocupa a melhor área para o desenvolvimento da povoação. Tem um régio mestre de latim e uma boa casa para o ouvidor. As casas eram, até pouco tempo, miseráveis construções de madeira, existindo hoje algumas de pedra, com dois ou três pavimentos e portais de uma espécie de pedra mó. O rio aqui tem cerca de uma milha de largura e a maré alta chega a três pés. A maior cheia do rio que se pode lembrar atingiu vinte pés. São cerca de vinte e cinco milhas daqui até a foz do rio. O rol dos confessados, que é razoavelmente correto, estima a população em onze mil quinhentos e quatro, incluindo a do distrito. Através de uma lei de 15 de dezembro de 1805, foi concedido um Juiz de Fora para a vila.

Cerca de vinte e cinco milhas acima, na margem do São Francisco, numa aprazível localização, está a freguesia do *Colégio*, cujos moradores só chegam a noventa famílias, na sua maioria índios de três diferentes nações. Os Acconans que viviam no distrito de Lagoa Comprida, a poucas milhas acima do rio. Os Carapotós, que habitavam a serra Comenaty e os Cariris que mo-

ravam nas vizinhanças da serra que tem o seu nome. A maior parte dos colonos perambula, quando não está ocupada com a pesca, de acordo com o costume de seus ancestrais, por uma região de seis milhas ao longo do rio, e três de largura, que lhes foi dada com a finalidade da agricultura. As esposas desses poltrões preguiçosos trabalham diariamente fazendo vasos de barro sentadas no chão. Para fazer um vaso de barro elas começam trabalhando a argila numa folha de bananeira, posta sobre seus joelhos, depois a colocam em um prato grande pulverizado com cinza, recebendo então a forma e o último retoque. Sem nenhuma ajuda dos homens, elas procuram e trabalham o barro, vão buscar a madeira para fazer uma grande fogueira todo sábado à noite, para endurecer os vasos feitos durante a semana. A igreja era uma capela jesuíta que o distrito já possuía.

Nessa comarca fica o considerável arraial de São Miguel, na margem e cerca de sete léguas acima da foz do rio do mesmo nome. Possui uma igreja dedicada a Nossa Senhora do Ó, cujos paroquianos somam mil e quinhentos, a maior parte dispersa.

A parte oeste da província é muito mais extensa do que a precedente, porém pouco habitada, sendo uma região estéril e seca, sem outras chuvas que não as de trovoadas. Em todas as partes, no entanto, são encontrados trechos de terreno mais ou menos fértil, onde se cultiva mandioca, milho, feijão, hortaliças, algodão, frutas e a cana-de-açúcar. Nesse vasto distrito, há criação de gado, além de abundante e variada caça. Estava incluído na jurisdição do ouvidor de Jacobina até 1810, quando tornou-se comarca, recebendo a parte inferior da do Recife. É hoje chamada de ouvidoria do sertão de Pernambuco, não tendo o magistrado a escolhido como sede, o que deveria ter acontecido. Gado, couros, algodão, sal e ouro são as mercadorias de exportação.

RIOS — O Rio Grande e o Correntes são os únicos consideráveis. O rio São Francisco, cuja descrição interrompemos na confluência do Carinhonha, só recebe dali até a sua entrada no oceano, cinco rios de alguma importância, o Parimirim, o Verde pela direita, o Correntes cem milhas abaixo do primeiro e o Rio Grande, cento e quarenta abaixo pela esquerda, continuando daí em direção ao norte, com pequenas sinuosidades, sendo de considerável largura e possuindo muitas ilhas e algumas corredeiras que não impedem a navegação. Suas margens são planas e em algumas partes muito baixas, sendo submersas por mais de sete milhas nas inundações. Abaixo da confluência do Rio Grande, seu curso inclina-se em direção ao leste e daí até o leste-sudeste, conserva a mesma largura por um grande percurso, até a aldeia de Vargem Redonda, onde a navegação de cima termina e as terras laterais começam a elevar-se. Seu curso torna-se gradual-

mente mais estreito e a corrente é impelida por entre pedras azuis e negras, até a pequena aldeia de Canindé (limite da navegação para o oceano) que fica a setenta milhas abaixo da outra. Nesse intervalo existem várias cachoeiras grandes, das quais a mais interessante e famosa é a de Paulo Afonso. Entre essas cachoeiras, canoas navegam durante o verão. Através de Canindé ele continua a correr entre ladeiras pedregosas, escassamente cobertas com terra e uma vegetação pobre, tendo cem braços de altura, sua largura não excedendo a um tiro de badoque, por uma distância de dez milhas, até a foz do Jacaré, onde suas elevadas e escarpadas ladeiras terminam. Seu leito nessa parte é cheio de recifes fendidos, parecendo as ruínas de uma majestosa eclusa ou dique.

Três léguas abaixo fica a pequena ilha do Ferro, onde a elevação das margens começa a diminuir e o rio aumenta em largura, exibindo coroas de areia branca, refúgio de garça cinza e branca, e onde miríades de mergulhões negros se reúnem e, formando uma espécie de rede, cercam o peixe nos locais rasos, não infestados pela temível *Piranha*. Aqui as gaiotas e outros pássaros aquáticos fazem seus ninhos em pequenos buracos, seus filhotes sendo chocados pelo calor do sol.

Seis léguas abaixo da ilha do Ferro, está a do Ouro, também pequena, alta e rochosa, coroada com a ermida de Nossa Senhora dos Prazeres. Essas são as únicas ilhas encontradas no espaço de cem milhas de Canindé até a vila de Penedo, onde termina uma pequena cadeia de serras que limita a margem esquerda do rio. Duas milhas abaixo de Vila Nova a elevação da margem direita também termina e o rio começa a dividir seu curso, formando um grande número de ilhas, geralmente baixas e abundantes em matas, dando às mesmas um agradável aspecto. Possuem trechos de solo fértil, onde algum arroz, milho, mandioca, cana-de-açúcar e hortaliças são cultivados. Algumas partes são arenosas, outras de barro cinza com uma camada negra por cima, com cerca de um pé de espessura e por cima desta, uma outra de terra amarela, com três ou quatro palmos. Tudo isso fica submerso no período de inundações desse grande rio. Há grande quantidade de cássias aqui, extremamente belas quando florescem seus cachos de flores róseas. Essa planta dá uma espécie de vagem, com dois palmos de comprimento e proporcional espessura, muito abundante em ambas as margens do rio, por cerca de trinta e cinco milhas acima da vila de Penedo. Esse rio muito profundo no interior do continente desemboca através de duas bocas muito desiguais; a principal fica ao norte, tendo perto de duas milhas de largura e tão pouca profundidade que as sumacas só podem entrar na maré alta e esperam por ela para sair. A navegação das cachoeiras para cima é feita em barcos e *ajojós*,

que são duas ou mais canoas amarradas com traves de madeira na parte superior. Toda a produção que desce o rio abaixo das cachoeiras é desembarcada em Vargem Redonda, distrito da freguesia e julgado de Tacaratu e transportada por bois para o Porto de Canindé ou Piranhas, que fica duas milhas abaixo. A navegação daqui até Penedo é feita somente em *ajojós* e acima sempre com embarcações a vela. O vento é favorável das oito horas da manhã até a madrugada seguinte, mas sujeito à variação dependendo da fase da lua e das condições do tempo; sempre aumenta ao anoitecer e freqüentemente torna-se calmo antes da meia-noite. Essas embarcações descem sempre com uma corrente forte, enquanto não há vento para provocar agitação na água. Quando a brisa é forte a corrente diminui e o rio sobe um palmo. Peixes são mais abundantes acima das cachoeiras, o que se deve, segundo os antigos, ao sistema destruidor de pesca chamado *tapagens*, uma maneira de cercar o peixe, que era injustamente apoiado pelo chefe dos magistrados, que obtinha desse abuso consideráveis rendimentos, os quais desapareciam sem deixar sinal. Os mais preciosos peixes desse rio são o *surubim*, que cresce até o tamanho de um homem, o *mandim*, com quatro pés de comprimento e largura proporcional, possuindo grandes barbas; o *pirá*, com dois pés de comprimento e a *piranha*, que é curta e larga, com dentes muito afiados e fatal para todas as criaturas vivas que consegue alcançar. Nenhum desses peixes tem escama. Já o *camurim*, com uma lista branca em ambos os lados e o *camurupim*, são longos e escamosos. Os cães com um instinto natural, não se aproximam das águas que são barrentas, bebendo somente nas partes onde existe uma corrente, por um medo inato das piranhas, que espreitam com intenções destrutivas nas águas paradas.

O Correntes, que tem um curso de aproximadamente cento e quarenta milhas, nasce numa lagoa e corre primeiro com o nome de Formoso, recebendo um outro rio do mesmo nome, e posteriormente o Éguas, o Guará e o Arrojado. Permite a navegação em um trecho considerável e desemboca no São Francisco dez milhas abaixo da Capela de Bom Jesus da Lapa. Todos os afluentes mencionados nascem nas bordas ou proximidades da serra do Paranán. Alguns correm através de regiões auríferas, onde a mineração começou apenas há poucos anos, o que motivou a construção na vizinhança do rio Éguas, da Capela de Nossa Senhora da Glória, cuja freguesia possuía no ano de 1809, seiscentos e oitenta e quatro famílias com mil novecentos e noventa e oito adultos, sendo muitos criadores de gado e outros agricultores.

O Rio Grande, cujo nome original não é conhecido foi substituído pelo atual, em consequência do ridículo e predomi-

nante costume no Brasil de denominar muitos rios extensos de vários distritos de Rio Grande, criando desse modo uma confusão de nomes, tem cinqüenta léguas de extensão e se origina na serra de Paranan, perto do registro de São Domingos, cerca de cinco léguas da nascente do Guará, um afluente do Correntes. Depois de correr por grande distância, o Mosquito junta-se a ele, e cinco léguas adiante, recebe também o rio das Ondas, que se origina a oito milhas do anterior e mais perto do Sobrado, um afluente do Tocantins e corre rapidamente através de uma região de ouro e diamante. Quinze milhas abaixo, recebe o Branco, que é navegável até Três Barras, assim chamada por causa da união dos três rios: o Branco, o Riachão e o Janeiro, que desembocam um em frente do outro; setenta milhas abaixo junta-se também a eles o Preto, que é um dos seus maiores afluentes e nasce nas bordas da serra das Figuras, que é uma continuação da Mangabeira de onde saem os outros afluentes mencionados, exceto o Riachão. Seu primeiro nome é rio dos Dourados, que é uma corrente de água clara, rapidamente impelida através de um leito sinuoso, ladeado por margens íngremes. Passa perto da vila de Formosa, que tem uma ermida do Senhor do Bomfim e pela freguesia de Santa Rita, que fica quarenta milhas abaixo da outra e à mesma distância acima da foz do rio. O Rio Grande, que deságua no São Francisco, cinqüenta milhas abaixo da confluência do Preto, é navegável até o Branco, passa pela freguesia de Santa Ana de Campo Largo, que fica a trinta e cinco milhas acima da foz do Preto. É rico em *surubim*, *curumatã*, grandes *dourados*, *piranha*, *piau*, *matrinxã*... e outras espécies de peixe. Sua água tem uma cor muito diferente da do rio que o recebe, conservando-se inalterada por uma grande distância até a sua entrada no São Francisco.

As vilas dessa ouvidoria são:

Barra do Rio Grande, Santa Maria, Flores, Pilão Arcado, Assunção, Cimbres.

A vila de Barra do Rio Grande situa-se no ângulo norte do afluente que lhe dá o nome, é medíocre, bem abastecida de carne e peixe, e possui algum comércio. A igreja é dedicada à São Francisco das Chagas e chega a ter mil e trinta e seis famílias. A passagem do São Francisco, aqui com uma milha de largura, é muito frequentada.

Pilão Arcado, elevada à vila em 1810, fica cem milhas abaixo da anterior, bem situada próximo a uma colina na margem do São Francisco, sua única fonte de água, e cujas grandes inundações sempre lhe causam algum dano. A igreja dedicada a Santo Antônio é nova e solidamente construída com tijolos e cal. As

casas são geralmente térreas⁴ e de madeira, muitas delas cobertas de palha. Há trezentas famílias, que estão aumentando e com as outras de seu vasto distrito, compreendem cinco mil habitantes, que cultivam mandioca, milho, legumes, bons melões e melancias nas margens do rio. A terra nos seus arredores é normalmente agreste e estéril, só apropriada para a criação de gado, o qual está sujeito a uma horrível mortandade em consequência das freqüentes secas. Existem grandes quantidades de pequenas lagoas a várias distâncias do rio, todas mais ou menos salobras e em cujas margens, causado pelo ardente calor do sol, o sal aparece como se fosse geada. A água dessas lagoas (e mesmo a água doce) filtrada através da terra adjacente em recipientes de madeira ou couro finamente perfurados e expostos ao tempo em tábuas, cristaliza em oito dias, transformando-se em sal tão branco quanto o sal marinho. Embora em terras que tem proprietários, elas são como os solos auríferos, consideradas comuns a todos que desejem se beneficiar delas, sendo um grande recurso para os pobres. Quase todo o sal produzido aqui é transportado para o centro de Minas Gerais.

Vila Real de Santa Maria, situada numa ilha de três milhas de comprimento e a uma grande distância abaixo da anterior, tem o aspecto de uma aldeia, com cento e sessenta famílias, principalmente índios, que são caçadores, pescadores e agricultores, isentos de impostos. Suas esposas fiam e tecem o algodão e trabalham na manufatura de cerâmica de barro, a qual é em grande parte exportada. A Vila de Nossa Senhora d'Assunção toma o nome da padroeira de sua igreja. Os habitantes, compreendendo cento e cinqüenta e quatro famílias, são todos índios; pescam, caçam e cultivam mandioca, milho, melancias, hortaliças e algodão. Fica situada na extremidade norte de uma ilha de dezoito milhas de comprimento e à mesma distância, abaixo da vila anterior. Em frente a essa ilha está o mediano arraial e julgado de Cabrobó, com a igreja da Conceição, cujos paroquianos, cerca de mil oitocentos e vinte e sete famílias, de todas as compleições, encontram-se na sua maioria dispersos pelo seu vasto distrito. Algodão e gado são os seus principais produtos.

Flores, elevada a vila no ano de 1810, é ainda pequena e fica na vizinhança do rio Pajeú. Uma capela filial da paróquia de Cabrobó, serve-lhe como Matriz. Os habitantes tiram seu sustento da criação de gado e da cultura do algodão.

Cimbres, anteriormente Ororobá é uma pequena vila de índios Chucurus, com alguns brancos e mestiços plantadores de algodão e culturas próprias da região. Suas esposas fabricam principalmente a cerâmica de barro com considerável arte, além

de fiarem e tecerem o algodão. Elas expressam profundas lamentações quando seus maridos não trazem caça das matas. A Igreja é dedicada à Nossa Senhora da Montanha e sua população consiste de quatrocentos e oitenta famílias.

O considerável arraial, julgado e freguesia de Santo Antônio, no distrito de Garanhuns, limitando-se com a anterior, pertence a esta comarca, tendo sido como essa última desmembrada da do Recife. Sua gente cultiva o algodão. Nessa ouvidoria está também a freguesia de Santa Ana de Sacramento do Angical, desmembrada da de Campo Largo, distando dela trinta milhas e dez da margem do Rio Grande.

NOTAS DO TRADUTOR

1. *Antiga medida itinerária brasileira, equivalente a 2.200m. Na Inglaterra e Estados Unidos equivale a 1.609m.*
2. *Bugia, segundo Aires de Casal. Corografia brasílica. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947. v. 2, p. 163.*
3. *Trata-se da Nova Bolsa de Valores de Londres (The New Exchange in London) construída em 1609 pelo Earl of Salisbury.*
4. *Segundo Aires de Casal op. cit., p. 189 "As casas são geralmente térreas e de madeira...", tendo o autor traduzido para o inglês como "The houses are generally earth and wood..."*